

Género *graffiti*: a questão da atribuição de etiquetas genéricas

Rute Rosa

FCSH/NOVA – CLUNL
rute.isabel.rosa.1979@gmail.com

Palavras-chave: Géneros de Texto; Etiquetas Genéricas; Marcadores de Género; *Graffiti*.

A denominação do objeto de estudo é fundamental em qualquer trabalho de investigação. Neste sentido, a *categorização genérica* e os critérios que a sustentam são questões incontornáveis no estudo dos géneros textuais (Adam & Heidmann, 2007: 9).

Esta comunicação visa discutir a atribuição de *etiquetas genéricas* (Miranda, 2010: 93-95) aos textos que não possuem uma designação consensual. Esta questão teve como ponto de partida a necessidade de definir critérios para a constituição de *corpus* e atribuir etiquetas aos textos que pretendemos analisar no trabalho de investigação do Doutoramento. Apesar de a maioria dos textos selecionados ser facilmente classificável, porque existe uma designação genérica relativamente estabilizada, como é o caso dos textos dos géneros *artigo científico* e *decreto-lei*, verificamos que não há uma etiqueta genérica consensual para designar os textos inscritos nos muros, paredes e outros suportes públicos. Para o público em geral, estes textos são considerados *graffiti*, assim como todo o tipo de inscrições ilegalmente executadas nos espaços públicos. Deste modo, esta designação engloba textos de natureza diferenciada que têm em comum a ação de transgressão e apropriação indevida ou inesperada dos suportes públicos (Campos, 2009: 148). Todavia, “(...) nas convenções da cultura *graffiti* de origem *hip-hop*, [...] estas são expressões que não se enquadram na sua linguagem. Seriam, quando muito, formas ilegítimas de *graffiti*” (Campos, 2007: 259). Por outro lado, verifica-se que, apesar de a designação *graffiti político* ser relativamente recorrente e consensual nos meios de comunicação social, os textos de mera expressão de subjetividade, como por exemplo, reflexões e recados, não possuem qualquer etiqueta genérica.

Nesta perspetiva, a questão que se coloca é saber como é que devemos classificar estes textos e que critérios deverão sustentar a designação genérica adotada na investigação. Assim, nesta comunicação, partindo do pressuposto de que qualquer texto se inscreve num género (Bronckart, [1997] 1999; Rastier, 2001) e considerando que os

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

gêneros são influenciados pelos parâmetros contextuais, bem como regulam a produção textual através de um *princípio de identidade* (repetição) e de um *princípio de diferença* (variação) (Adam, 2001: 38), propomos uma designação genérica para estes textos, tendo como critério as atividades sociais a que estão associados, o papel social e objetivos dos autores, assim como as características que os diferenciam e indiciam a sua identidade genérica, como por exemplo, os diferentes temas que os *graffiti* contemplam.

Para tal, assumindo a perspetiva interacionista de que as produções linguísticas dependem das determinações sociais (Bronckart, [1997] 1999), apresentamos uma análise comparativa dos parâmetros sociais, subjetivos e físicos de 20 textos diretamente recolhidos em ruas de cidades portuguesas. Além disso, num segundo momento, recorrer-se-á às noções de *mecanismos de realização textual*, *parâmetros de género e marcadores de género* (Coutinho *et al.*, 2005; Miranda, 2010), para darmos conta das características que identificam e diferenciam os textos. A partir desta análise, devemos concluir que i) o quadro social da interação, os papéis sociais e as finalidades dos textos de expressão de subjetividade são diferenciados dos textos do género *graffiti político*; ii) não existe etiqueta genérica para os textos de carácter pessoal porque as atividades a que estão associados não impõem a necessidade de criar uma designação partilhada e estabilizada socialmente; iii) os textos analisados apresentam *marcadores de género inferenciais* enunciativos, composicionais e temáticos distintos; iv) os textos de carácter pessoal não pertencem ao mesmo género dos *graffiti* de cunho político e, por isso, propomos uma etiqueta distinta: *graffiti “pessoal”*; v) esta primeira distinção demonstra a necessidade de pensar em etiquetas genéricas menores para a denominação das diferentes formas de expressão de subjetividade e de intervenção.

Referências

ADAM, Jean-Michel. (2001) “En finir avec les types de textes”. In: Ballabriga M. *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*, pp. 25-43. Toulouse: EUS.

ADAM, Jean-Michel; Heidmann, Ute. (2007) “Six propositions pour l’étude de la généricité”. In: *La Licorne* 79, Rennes: Presses Universitaires de Rennes. pp. 21-34.

BRONCKART, Jean-Paul. ([1997] 1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC.

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

CAMPOS, Ricardo. (2007) *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Tese de Doutoramento em Antropologia Visual. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/765>> [Consultado a 05 de junho de 2016]

CAMPOS, Ricardo. (2009) “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti” In: *Etnográfica*, vol. 13 (1). Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1292>> [consultado a 05 Junho 2016]

COUTINHO, Maria Antónia; ALVES, Marisa; GONÇALVES, Matilde; MIRANDA, Florencia & PINTO, Rosalice. (2005) “Parâmetros de género e mecanismos de realização textual: aspetos teóricos”. Comunicação integrada no Simpósio *O interacionismo sociodiscursivo em construção: desafios e posicionamentos*, 15.º. In: PLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada). PUC-SP – São Paulo / Brasil.

MIRANDA, Florencia. (2010) *Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RASTIER, François. (2001) *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.